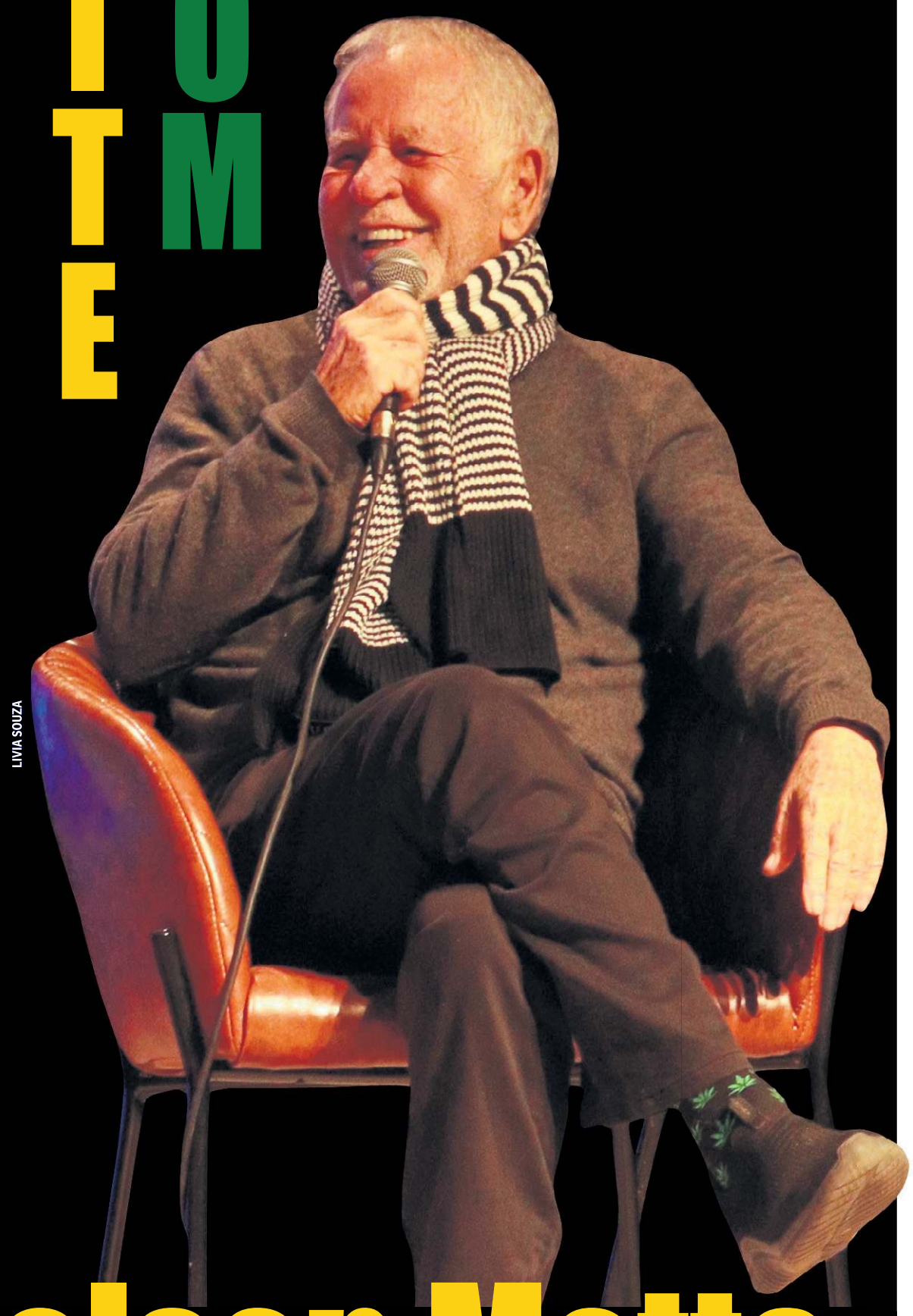
cultura.df@dabr.com.br
3214-1178/3214-1179
Editor: José Carlos Vieira
josecarlos.df@dabr.com.br

CORREIO BRAZILIENSE
Brasília, quarta-feira, 25 de novembro de 2026

UM NOITE COM

O COMPOSITOR, ESCRITOR E PRODUTOR MUSICAL PARTICIPA DE BATE-PAPO COM O PÚBLICO ANTES DE APRESENTAÇÃO DO OLODUM NO *33º NIGHT LAB – BRASILIDADES*



LIVIA SOUZA

Nelson Motta

ENTREVISTA/Nelson Motta

» NAHIMA MACIEL

Nelson Motta não para no tempo. Nunca parou. Do inferninho Beco das Garrafas, no qual Elis Regina cantava para não mais que 40 pessoas, à festa Noites tropicais, *realizada com os netos Joaquim e Antônia, inteiramente dedicada à música brasileira, o compositor, escritor, jornalista e produtor não gosta da saudosismos, garante que não é nostálgico e tem uma lista de novos nomes da cena nacional que gosta de citar. Anitta é uma que está no topo. "Eu detesto nostalgia, acho que é a coisa que mais envelhece as pessoas isso de ficar 'Ah, no meu tempo'", garante. Aos 82 anos, Nelson Motta desembarca em Brasília para um encontro com o público do* 33º Night Lab – Brasilidades, *amanhã, antes do show do Olodum, que faz a última edição do evento de 2026. Motta divide o palco com a comunicadora Roberta Martinelli. Em entrevista ao* ***Correio****, ele conta que a conversa deve girar em torno das próprias experiências. O produtor gosta de falar dos tempos em que era dono de casas noturnas como o Noites Cariocas, cujo palco, no alto do morro da Urca (Rio de Janeiro), viu nascer o rock brasileiro dos anos 1980, e da Frenetic Dancing Days Discotheque, boate icônica da zona sul carioca dos anos 1970. "Com cada uma, aprendi muita coisa, mesmo com a precariedade técnica que era no início e, depois, com o avanço todo, o papel da iluminação, dos DJs, do convívio. O tema da conversa vai ser por aí", avisa. "A noite como laboratório." No African Dance, um misto de piano bar no Leblon no qual o DJ Dom Pepe, pioneiro da discotecagem carioca, combinava batidas inusitadas, Motta encerrou a vida com bares, mas não com festas e shows. A noite mudou nos últimos 40 anos, mas a música brasileira continua se reinventando. Além da* Noites tropicais, *que terá, ele promete, uma terceira edição, o compositor criou, com Luiz Oscar Niemeyer, o festival* Doce Maravilha, *no qual colocou ícones da MPB para tocar discos míticos inteiros, e foi o homenageado em Rodrigo Santos canta Nelson Motta. "Foi um disco que me deu a maior alegria, fui acompanhando tudo, os arranjos, o resultado final é ótimo, tem muitas surpresas, tanto em novas versões das músicas já conhecidas, quanto de novas músicas, entre elas uma com Erasmo Carlos, uma das últimas que Erasmo fez", avisa.*

33º NIGHT LAB – BRASILIDADES

Com Nelson Motta, Roberta Martinelli e Olodum.Amanhã, às 19h, no SesiLab. Ingressos: R$ 40 e R$ 20 (meia). Não recomendado para menores de 18 anos.

As boates, que eram pontos de encontro nos anos 1970 e 1980, deram lugar às festas sazonais?

Essa é uma das grandes diferenças hoje. Eu cheguei a frequentar os inferninhos dos anos 1960 em Copacabana, boate pequenininha, nas quais cabiam 50, 60 pessoas, como o Beco das garrafas, onde você podia ver ao vivo Elis Regina, Wilson Simonal, Sérgio Mendes. E, hoje, as festas são um estilo, uma marca, é muito diferente, o lugar pode mudar. Eu tenho netos adultos e eles insistiram muito comigo para fazer a festa (Noites tropicais), que é a moderna casa noturna, que pode pode estar em qualquer lugar. Já fizemos duas vezes essa festa, num lugar maravilhoso na beira da Lagoa Rodrigues Freitas, com palco e umas 800 pessoas. Até me apresento como DJ. Toco uns 40 minutos só para divertir o povo e tem super DJs também que alternam ali na noite. E a ideia é tocar exclusivamente música brasileira. Tudo que for dançante e brasileiro, toca ali.

Você gosta de dizer que não é saudosista nem nostálgico. Como você faz para se manter atualizado?

Olha, eu tenho muita curiosidade. Eu gosto de ouvir e conheço muita coisa, não é, são 82 anos de vida. Mas eu continuo curioso. Eu sou novidadeiro, adoro coisas novas, fui para o digital antes da minha geração. A maioria nunca nem conseguia entender do que se tratava. Era 1986 e eu já tinha um laptop, um notebook, já estava na cultura digital. Sou muito curioso e isso me deu acesso a tudo. E, para uma pessoa como eu, que gostava de jornalista, de cultura, de cinema, de literatura, de comportamento, a internet trazia tudo de uma vez num celular, só para mim. Era o sonho de uma vida, né? E sou também um drogado em notícias, estou sempre vendo e sabendo, e evito perder meu tempo com bobagens e me concentro em coisas que realmente interessem, que me ajudem, de alguma forma.

O que você acha da inteligência artificial na música? Estamos entrando numa era em que a IA vai ser muito presente na música...

Já está muito presente. Você tem, hoje, grupos ou artistas solo inteiramente falsos, fakes, mas dizendo que são feitos com IA. E eles têm muito público. Tudo depende muito do que você pedir, de como a sua máquina estiver treinada. A IA criou certos problemas de autoria, de direitos legais, problemas jurídicos. A IA pode ser treinada para fazer uma música no estilo Lulu Santos, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Anitta, mas ela tem que ser treinada nisso. Agora, isso tem dono. As pessoas que criaram aquilo onde aquela IA foi treinada criaram de graça. Isso é um problema, não os artistas, os compositores. Os criadores estão bastante preocupados com isso, porque não é uma terra de ninguém e o Brasil está atrasado em regulamentar isso. Agora, tudo depende do que você pedir. Às vezes, ela não te oferece uma coisa pronta, mas um bom caminho para você continuar a sua história escrita ou sua letra de música. Eu não uso porque adoro trabalhar horas, dias, semanas em uma letra de música, fazer aquele bordado, encontrar as palavras certas, que combinem com a melodia, com o ritmo. Se a IA fizesse para mim, eu ficaria frustradíssimo.

E você acha que o que os artistas, hoje, têm mais liberdade ou que eles tão mais amarrados por esse mundo dos algoritmos?

Eles têm toda a liberdade, mas não têm nenhum controle sobre o que fazem com a música deles.

No seu último livro, *Corações de Papel*, você reúne cartas trocadas com uma namorada de juventude, a Ana Luísa Escorel. Reler essas cartas fez com que você revisitasse o passado e você mesmo de uma forma diferente?

Esse livro é uma graça porque são dois garotos de 20 anos em debates culturais, numa empolgação. E se passa em 1966, o Brasil estava fervendo. É um retrato de época, da cultura de época, uma história muito delicada. Não fiquei nostálgico de reviver. Eu não fico nostálgico porque eu vivi tudo que eu queria, entendeu? Não faltou nada, então não tenho saudade de nada, já foi feito. Eu tive a sorte de viver nesse tempo e esse é um livrinho de delicadeza, de amor à juventude.

FOTO: LOURIVAL RIBEIRO/SBT



Como você participou do disco *Rodrigo Santos canta Nelson Motta?*

Pois é, ele veio com essa ideia e eu achei ótimo, mas nem pensava em me envolver com nada. Daí acabei me envolvendo tanto na produção do disco, na escolha das músicas, dos convidados, que eram para ser sete, passaram para nove e acabaram 12. Tudo foi aumentando ali porque estava bom. Escolhemos músicas relativamente óbvias, os meus grandes hits, *Como uma onda*, *Ronda*, *De repente Califórnia*, *Sereia* e o *famoso Dancin' Days*, mas também algumas músicas que eu considero muito boas e que passaram meio batido, como o *rock Palestina*, com Lulu Santos e Sandra de Sá cantando, um espetáculo. É um romance de aventura, a história de uma espiã palestina. E tem os convidados, Fernanda Abreu, Paula Toller, Chico Chico, que cantou *Perigosa* e ficou espetacular.

O que você acha que faz uma canção atravessar essa geração?

Eu acho que a carga poética, a densidade poética que não se desgasta com o tempo e com a quantidade de vezes que você ouve aquela canção, ela fortalece. Isso acontece com algumas canções, e outras são um sucesso passageiro. A receita disso, ninguém tem, ninguém sabe. Adoraria que todas as músicas ficassem para sempre, mas algumas ficam e não se sabe direito porque não são, às vezes, necessariamente as melhores, mas talvez as que tocam mais profundamente as pessoas em pontos sensíveis, que marcam momentos de festa, de alegria, de diversão. Me considero um compositor feliz, realizado, porque, de uma forma simbólica, enquanto tocarem suas músicas, você está vivo.

E qual o lugar do Olodum, que toca hoje no SesiLab, na história da música brasileira?

Olha, eu sou fã do Olodum desde a primeira vez que ouvi aquela batida de samba reggae e conheci o Neguinho do Samba. Pô, o cara inventou isso. É uma síntese notável de um ritmo jamaicano com o ritmo brasileiro unidos na africanidade, na raiz africana comum ao samba e ao reggae, uma mistura absurda, tanto que, logo de cara, ganhou o mundo. O Paul Simon veio gravar com o Olodum, o Michael Jackson ficou louco com aquela levada, porque aquilo, ninguém consegue ficar parado. Fui um grande fã desde o primeiro momento.

Do que você gosta e o que que você vê hoje de novidade na música brasileira?

Eu gosto de falar nomes que eu adoro. Eu admiro o Tim Bernardes, o Chico Chico, um moleque maravilhoso, grande artista, gosto da Mãe Ana, da Júlia Mestre, gostava muito do Bala Desejo. Gosto muito, muito do Silva, do Rubel. São várias gerações, não para de aparecer gente maravilhosa e, ao mesmo tempo, os grandes veteranos, os grandes orixás continuam produzindo. A música brasileira é invencível e a grande qualidade é a diversidade, você tem Baco Exu do Blues, Baianasystem, Liniker, Anitta, mil vezes Anitta, inovando, renovando tudo, com Equilibrivm, um disco genial.